Anexo G

Canisy: Entre o mar e a campina

Entre o mar e a campina, a residência é silenciosa e exala a cera. Sólidas toras crepitam nas lareiras. Os assoalhos rangem suavemente sob os passos. As madeiras são magníficas, os móveis de alta qualidade, os retratos dos antepassados alinhados com dignidade em suas molduras douradas, pendurados nas paredes das salas ou ao longo dos intermináveis corredores. Tudo aqui parece imutável. Autêntico. Cativante. Mil anos de história não se inventam.

Mesmo para Denis de Kergorlay, o atual proprietário, que parece querer hoje recuperar o tempo perdido. "Quando criança, eu vinha a Canisy alguns dias a cada ano com meu irmão mais novo. Fomos convidados por nossa avó Simone, uma aristocrata maravilhosa que andava de Bentley. Eu achava este lugar intimidador; só havia pessoas idosas. Eu tinha medo à noite, sozinho no meu quarto situado no outro extremo do castelo. Eu não me sentia bem aqui." E esse sentimento persiste. Denis retorna a Canisy no final da adolescência, após seu pai ter herdado o castelo. Ele ainda não gosta do campo; sente-se entediado e rapidamente passa a ter aversão à residência familiar. Ele promete a si mesmo que nunca cuidará disso.

Brilhante. Nosso jovem rebelde logo coloca um oceano entre Canisy e ele. Partindo para estudar nos Estados Unidos, ele traz de volta o desgosto pelos negócios e um entusiasmo por tudo que é perturbador. Ecológico antes da hora, militante do Terceiro Mundo e opositor da guerra do Vietnã, amante da pop music, ele se diferencia e se diverte com isso. Até o dia em que seu pai, preocupado com o futuro, lhe pergunta se ele assumirá um dia as rédeas de Canisy. A resposta não se faz esperar: é não. Definitivamente não. Estamos em abril de 1976. Denis parte para a Tailândia, onde um cargo de adido cultural o aguarda. Saída de Canisy.

Mas não por muito tempo. O pai de Denis morre de forma súbita, e o problema do castelo de Canisy volta imediatamente à mesa. Doloroso. "Durante a sucessão, meu irmão me informou de sua intenção de entrar para o clero, com Dom Lefebvre", conta Denis. "Para uma família católica como a nossa, foi um golpe de trovão. Com o direito de primogenitura ajudando, decidi em um quarto de segundo retomar o castelo da família. Isso se impôs como uma evidência."

De uma cadeia de circunstâncias vai nascer uma espécie de "raiva" que vai animar o jovem châtelain. Desde o início, ele se impõe uma linha de conduta: abrir Canisy aos seus amigos, fazer com que suas salas adornadas e bibliotecas sejam conhecidas. Organizar concertos no maravilhoso salão de música, passeios no parque. Reunir pessoas de sua geração, ativas, generosas e talentosas. E então, restaurar aqui e ali essa imensa construção de granito. É preciso fazer reviver essas velhas pedras, custe o que custar!

Para levar a cabo essa vasta empreitada, Denis encontrará uma aliada inesperada, e quão preciosa: a tia Brigitte, que ele adora. Espirito rebelde, independente e original, corajosa e

determinada, engajada na Cruz Vermelha durante a guerra, transportadora aérea na Indochina, que se tornou médica após retomar seus estudos aos trinta e seis anos, ela guia seu sobrinho, acalma sua paixão e o aconselha com tato. "Nós éramos uma boa equipe", lembra Denis. "Minha tia queria que Canisy voltasse a ser um castelo de família, mas aberto à cultura para satisfazer seu gosto por música e literatura. E eu, que alguns anos antes, havia dificultado a vida dos meus pais ao recusar qualquer envolvimento em Canisy, entrei no jogo."

Denis renuncia a seus compromissos e se mergulha em sua "tebaida". Ele se cerca de amigos, funda a associação dos Amigos de Canisy e abre seu castelo para seus amigos assim como para os amigos de seus amigos. Durante dez anos, Canisy se torna assim um importante local de amizades compartilhadas e trocas culturais. Nos fins de semana, o castelo vê grupos de amigos se sucedendo, acompanhados por crianças que se sentem aqui perfeitamente em casa. Jornalistas, homens de negócios, escritores, músicos — todos debatem com paixão e reconstroem o mundo. Concertos, jantares, organização: tia Brigitte cuida de tudo.

No entanto, a bela aventura vai acabar abruptamente com o casamento de Denis. Marie-Christine acredita que a associação deve se encerrar com a vida de solteiro do eterno jovem; é hora de construir algo novo. Uma última e louca festa soa o sino de morte dos Amigos de Canisy. Dotada de uma forte personalidade, como todas as châtelaines de Canisy, ao que parece, Marie-Christine vai incentivar seu marido a se reapropriar dos locais. Será a residência da família, como antes, mas melhor do que anteriormente.

Primeiro, é necessário levar a cabo uma campanha de obras importantes e urgentes, como os telhados — muito danificados desde os bombardeios de 1944. Depois, renovar os interiores que, embora confortáveis, precisam de uma boa atualização.

"Minha esposa tinha em mente que poderíamos talvez abrir o castelo para hóspedes. Com esse objetivo, ela reestruturou alguns quartos, cada um com uma decoração de época diferente. Para isso, ela recorreu às nossas reservas. Seu gosto e sua paixão por tecidos finos, por objetos raros, fizeram o resto. Ela trouxe um refinamento que, até então, estava em falta", acrescenta Denis com admiração.

Dois jovens filhos, Marie-Victoire, treze anos, e Henry-Louis, dez anos, passam hoje férias muito felizes no castelo ancestral. Como se entediar em Canisy!

ANNE ROGIER
Fotos Philippe Ughetto

Fonte

Revision #4
Created 11 November 2024 22:27:27 by Admin
Updated 11 November 2024 22:32:56 by Admin